



Tessituras da identidade judaica na narrativa de Elisa Lispector

Textures of Jewish identity in Elisa Lispector's narrative

Patrícia Lopes da Silva*

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) | Montes Claros, Brasil

patricia.lopes@unimontes.br

Resumo: A análise da ficção de Elisa Lispector é um espaço para problematizar a condição das mulheres na sociedade, destacando seu testemunho enquanto escritora judia. O romance *No Exílio* (1948) a autora oferece uma significativa contribuição literária ao registrar a saga da família Lispector durante o exílio na Europa. Ao atravessar o continente, enfrentando perseguições de cossacos e inimigos judeus, a narrativa descreve as dificuldades enfrentadas pela comunidade judaica em busca do direito fundamental de viver. O estilo direto da obra, desprovido de desvios literários e recursos vocabulares excessivos, evidencia a luta dessa comunidade pela valorização desse direito essencial. A protagonista do romance, filha mais velha de uma família judia, explora, por meio da memória, o passado de agonia e aflição durante a jornada do país de origem para uma nova terra. Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de analisar como a identidade judaica da autora aparece no livro no exílio, por meio da voz autoral. A identidade judaica, como abordada no romance e no contexto mais amplo, é entendida como uma interseção complexa entre elementos religiosos, culturais e históricos. Os preceitos judaicos, baseados na Torá, fornecem um arcabouço ético e espiritual, orientando a vida dos judeus em rituais de oração, celebrações festivas, práticas alimentares e normas éticas. Esses preceitos não apenas orientam a conduta individual, mas também fortalecem a coesão comunitária, transmitindo a identidade judaica ao longo das gerações. A observância das práticas religiosas, rituais familiares e a ligação profunda com a comunidade judaica global são meios essenciais de manutenção e transmissão dessa identidade rica e distintiva ao longo do tempo. Quanto aos aspectos metodológicos, será feita a análise textual do *corpus* escolhido, a partir da revisão bibliográfica. Para essa investigação, recorreremos à algumas reflexões críticas e teóricas de autores como Geertz (1989), Yerushalmi (1989), Amós Oz e Fania Oz-Salzberger(2015), dentre outros. Este estudo busca assim contribuir para uma compreensão mais aprofundada da literatura judaica e da identidade judaica na obra de Elisa Lispector.

Palavras-chave: Elisa Lispector. Tradição judaica. No exílio.

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia e integrante do corpo docente da Universidade Estadual de Montes Claros.



Abstract: The analysis of Elisa Lispector's fiction is a space to problematize the condition of women in society, highlighting her testimony as a Jewish writer. In the novel *No Exílio* (1948), the author offers a significant literary contribution by recording the saga of the Lispector family during their exile in Europe. While crossing the continent, facing persecution from Cossacks and Jewish enemies, the narrative describes the difficulties faced by the Jewish community in search of the fundamental right to live. The direct style of the work, devoid of literary deviations and excessive vocabulary resources, highlights the struggle of this community to value this essential right. The protagonist of the novel, the eldest daughter of a Jewish family, explores, through memory, the past of agony and affliction during the journey from her country of origin to a new land. In this sense, the present study aims to analyze how the author's Jewish identity appears in the book in exile, through the author's voice. Jewish identity, as addressed in the novel and in the broader context, is understood as a complex intersection between religious, cultural, and historical elements. Jewish precepts, based on the Torah, provide an ethical and spiritual framework, guiding the lives of Jews in prayer rituals, festive celebrations, dietary practices and ethical norms. These precepts not only guide individual conduct, but also strengthen community cohesion, transmitting Jewish identity across generations. Observance of religious practices, family rituals, and deep connection with the global Jewish community are essential means of maintaining and transmitting this rich and distinctive identity over time. Regarding methodological aspects, a textual analysis of the chosen corpus will be carried out, based on the bibliographical review. For this investigation, we will resort to some critical and theoretical reflections from authors such as Geertz (1989), Yerushalmi (1989), Amós Oz and Fania Oz-Salzberger (2015), among others. This study thus seeks to contribute to a deeper understanding of Jewish literature and Jewish identity in the work of Elisa Lispector.

Keywords: Elisa Lispector. Jewish tradition. In exile.

A história da imigração judaica no Brasil destaca a figura única do imigrante judeu, que muitas vezes foi forçado a deixar sua terra natal e se estabelecer em um país estrangeiro. Esses imigrantes fazem parte de uma longa estirpe de exilados e perseguidos, e carregam consigo memórias profundas e muitas vezes dolorosas.

Para os judeus, a necessidade de narrar suas experiências no exílio é fundamental não apenas para a preservação de sua própria identidade, mas também para a preservação da história de seu povo. O ato de contar suas histórias se torna uma



forma de resistência e sobrevivência cultural. Nesse sentido, os judeus são frequentemente vistos como narradores por excelência, pois têm a responsabilidade de transmitir suas experiências e preservar a memória de sua comunidade.

Autora judia, Elisa Lispector enfrentou com determinação todas as adversidades e obstáculos, transformando suas narrativas em uma espécie de catarse. Em seus textos, ela explorou reflexões profundas sobre a vida, a morte e exílio, compartilhando, em alguns casos, experiências de violência vividas na infância e as tribulações do povo judeu. Essas narrativas não apenas servem como exemplos impactantes, mas também proporcionam lições valiosas sobre o reconhecimento e o respeito à alteridade, destacando-se como uma maneira de recordar o terror para evitar sua repetição. Por meio da escrita, Elisa Lispector buscava exorcizar a dor, tentando deixar para trás as lembranças do genocídio do povo judeu, transformando suas palavras em um testemunho contra os atos desumanos praticados.

No texto *A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea*¹ (2006), Sandra Regina Goulart de Almeida argumenta que a crítica literária feminista assume diversas formas de convergência e interseção. Enquanto alguns críticos mencionam o pós-feminismo, a estudiosa destaca duas questões fundamentais dentro do movimento feminista: o pluralismo e a diferença. Esses conceitos abrangem uma ampla gama de expressões nos discursos feministas em que estão inseridos.

Nesse contexto, segundo a autora, emerge um conjunto crescente de obras escritas por mulheres, explorando os destinos de personagens femininas que ocupam espaços liminares, marcados por movimento, deslocamento e desenraizamento. Do ponto de vista teórico, nota-se uma convergência entre os estudos feministas e as abordagens críticas contemporâneas. A crítica feminista, por sua vez, transcende para um diálogo transnacional, não apenas abordando literaturas pós-coloniais e pós-nacionais, mas também examinando as nuances híbridas e diaspóricas na crítica literária contemporânea.

Conforme destacado por Almeida (2006), é crucial enfatizar o papel desempenhado por escritores e críticos literários ao expressarem, por meio da escrita, uma experiência de transformação em trânsito, como uma potencial forma de resistência às tendências globalizantes. A diáspora, ao reescrever a noção de nação e o projeto nacional, emerge quando sujeitos migrantes optam por trocar um espaço nacional por outro mais desejável, carregando consigo as marcas do que deixaram para trás.

Ao analisar esses sujeitos migrantes e as relações que estabelecem por meio da escrita, é importante considerar a dinâmica histórica contemporânea, na qual

¹ ALMEIDA, Sandra Regina Goulart (2006).



escritores se revelam em narrativas polifônicas, frequentemente marcadas por elementos autobiográficos intensos. As escritoras, em particular, constroem protagonistas que vivenciam deslocamentos geográficos e culturais constantes, resistindo, em sua maioria, às imposições e complexidades de um discurso homogeneizante.

Nessa perspectiva, as contribuições de Elisa Lispector em sua ficção se postam para além do âmbito literário, permitindo uma leitura sociocultural. Em suas narrativas, por exemplo, *No exílio*,² há presença de mulheres que desafiam os moldes tradicionais da sociedade patriarcal. Nessa obra, é delineada a trajetória de uma família judia que parte da Ucrânia rumo ao Brasil, escapando dos horrores da guerra. Essa narrativa proporciona uma reflexão acerca da marginalização de uma escritora cujo enfoque literário recai sobre o universo do imigrante, abordando a literatura do trauma. O romance apresenta personagens marcadas por angústia e melancolia, denunciando de maneira contundente, uma experiência vivida que apesar de sua importância, não recebeu o devido reconhecimento.

Em seu artigo *História de uma luta*,³ divulgado no site da Academia Brasileira de Letras, Antônio Olinto declara que as páginas do livro *No Exílio* Elisa (ou só o sobrenome ou nome e sobrenome) relata a batalha de toda uma comunidade não apenas pelo direito à existência, mas também pela valorização de cada momento desse direito. Ela narra essa luta com a máxima dignidade literária que uma tragédia pode transmitir, destacando sua importância como verdadeira “memória de um povo”. Ainda segundo o autor, a obra eleva-se contando a história de todos nós envolvidos nesta jornada em busca do entendimento do que somos e por que realizamos as ações que realizamos. Seu estilo mergulha diretamente às raízes, à essência de muitos problemas que nos acompanham ao longo dos séculos.

O livro *No exílio* apresenta traços autobiográficos de Elisa Lispector, no decorrer das páginas, eventos históricos, como o ano de 1917, o tzar, o chauvinismo, a independência da Transjordânia, a violação da integridade territorial da Palestina, e a participação da Alemanha no Convenat na Liga das Nações, a criação do Estado de Israel são entrelaçados à ficção. A narrativa carrega as marcas do sofrimento dos imigrantes judeus, que foram exilados e marginalizados, revelando-se como um poderoso testemunho ficcional. É possível observar que o exilado enfrenta diversas rupturas em seus projetos pessoais, tradições, costumes e na ausência de algo

² LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. Editora A noite: 2005.

³ OLINTO, Antonio. *História de uma luta*. Academia Brasileira de Letras, 2007. Disponível em: <http://www.academia.org.br/artigos/historia-de-uma-luta>. Acesso em: 25 jan. 2023.



familiar, resultando em dores irreversíveis e irremediáveis. Os exilados cortam laços que os conduzem a um lugar que nunca será verdadeiramente seu, onde nunca se sentirão plenamente integrados.

Na narrativa, observa-se a história de uma menina que se transforma em mulher por meio de situações narradas a partir das dores do exílio: "se ainda não alcançava inteiramente o mundo dos adultos, descobrindo-lhes todos os móveis e ações, em compensação, depara com um mundo de sonhos que sabia interditos a eles"⁴. Lizza se vê exilada, rompendo com seus projetos, solitária, testemunhando os horrores dos *pogroms* que saqueiam multidões, destroem casas e ceifam vidas judias.

Essa experiência causa-lhe grande angústia e tristeza, sendo uma vivência traumática em que passado e presente são corroídos pela guerra: "Lizza fechou os olhos recostou a cabeça no espaldar da poltrona. Distantes episódios surgiam-lhe na memória, espantosamente vividos: fugas desditas, perseguições. Começou a recordar o êxodo de que participou"⁵. No trecho, há uma captura a complexidade da condição humana, explorando as profundezas da memória e as ressonâncias emocionais de uma vida repleta de experiências intensas e impactantes. A partir das recordações do recanto da memória, emergem lembranças de uma infância, marcada por festas, rituais religiosos, iguarias deliciosas e passeios. Em parte, esse período narrado em *No exílio* serve como uma forma de minimizar o sofrimento causado pela tragédia que se abateu sobre os judeus.

Em *Os judeus e as palavras*⁶ Amós Oz e Fania Oz-Salzberger exploram o legado dos textos sagrados judaicos. Inicialmente, os autores se autodefinem como judeus israelenses seculares, cuja identidade judaica é fundamentada no hebraico como língua-mãe, desvinculada da religião. Os judeus seculares conscientes não buscam serenidade, mas sim inquietação intelectual; preferem adotar mais perguntas que respostas, considerando a bíblia hebraica como uma notável criação humana. A abordagem de Amós Oz e Fania Oz-Salzberger em relação ao aspecto religioso é notável: para eles, não é crucial se Deus é real, nem se as investigações confirmam ou refutam a narrativa bíblica de Israel.

Ainda segundo os autores, a religião se manifesta como uma crença, representada por um conjunto de textos, valores comunitários e leis. Os judeus abordam a narrativa de seu povo e a relação com a Torá, que transcende ser apenas uma

⁴ LISPECTOR, 2005, p. 98.

⁵ LISPECTOR, 2005, p. 8.

⁶ OZ, Amós, OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



revelação divina, tornando-se um texto moldado por diversos autores, submetido a análises científicas detalhadas. Daí surge à relevância, riqueza literária e estética que esse texto pode oferecer ao leitor. O judaísmo, sendo uma religião centrada no livro, implica que a prática diária dos judeus envolve extensas horas dedicadas à leitura, escrita e estudo. Os rabinos, à semelhança dos sábios do Talmud e da Mishná, são percebidos como intelectuais e eruditos.

Conforme Amós Oz e Fania Oz-Salzberger (2015), uma descendência bem-informada é a chave para a sobrevivência. Desde a infância, as crianças aprendem não apenas que são destinadas a herdar a fé, mas também a desempenhar um papel crucial como guardiãs de uma biblioteca viva, onde os jovens aprendem a trabalhar e a transmitir contos e canções ancestrais. Embora as tradições orais sejam significativas, os autores enfatizam a necessidade de incorporar a leitura de livros. Desde os estágios iniciais do exílio, as famílias judaicas reconheceram a importância de agirem como portadoras da memória nacional contida nos textos escritos. Dessa forma, destaca-se algo singular na criatividade voltada para o passado dessas comunidades de literatos judeus, com seus registros acumulativos e sua capacidade contínua de dialogar e manter sentido ao longo de diferentes períodos, atravessando línguas e culturas.

Elisa Lispector, em *No exílio*, nessa perspectiva de lembrar e se submeter aos preceitos sagrados, assim como transmiti-los às gerações futuras, apresenta algumas situações que constitui uma parte substancial das práticas religiosas judaicas. A alusão à celebração do Sábado, um momento significativo nas tradições judaicas, adiciona uma camada de importância cultural e ritual às memórias evocadas. Yerushalmi (1992) destaca a importância dos ritos como um poderoso meio de preservar a memória coletiva e, por extensão, a identidade. Afirma o autor “[...] somente aquilo que foi transfigurado em ritual e liturgia estava dotado de possibilidades reais de sobrevivência e permanência”⁷.

Nesse sentido, a narradora afirma: “no sábado não se fala em negócios. Então, com os mais velhos, discutem-se textos da lei, entremeando a discussão com a seguida nostalgia pela distante terra de Israel que eles não fora dado conhecer. E lamentam o exílio”⁸. O foco da interação entre os mais velhos é a análise de textos legais, possivelmente relacionados à lei religiosa ou a tradições específicas.

A menção à “distante terra de Israel” acrescenta uma dimensão nostálgica à cena, sugerindo que, apesar de estarem discutindo questões legais, suas mentes estão também voltadas para a pátria distante, possivelmente um lugar significativo para a

⁷ YERUSHALMI, 1992, p. 60.

⁸ LISPECTOR, 2005, p.29.



comunidade em questão. O sentimento de nostalgia e o lamento pelo exílio indicam uma conexão profunda com a terra de origem, mesmo que essa conexão seja apenas mantida através das memórias e histórias compartilhadas. Esse trecho, portanto, revela não apenas um contexto religioso-cultural, mas também toca em temas de identidade, pertencimento e a experiência do exílio.

E a narradora continua: “com os mais jovens, discute-se literatura judaica da nova geração: Shalom Aleikhem, Mendele Mokher Sfarim, Bialik, temas como galut, mais uma vez”⁹. Os três escritores judeus mencionados, Shalom Aleikhem, Mendele Mokher Sfarim (Sholem Yankev Abramovitsh), e Chaim Nachman Bialik, representam pilares fundamentais da literatura judaica e contribuíram significativamente para o renascimento cultural judaico nos séculos XIX e XX. Cada um deles abordou a condição judaica de maneiras distintas, oferecendo visões únicas sobre a vida, a cultura e os desafios enfrentados pela comunidade judaica em diferentes momentos históricos.

Shalom Aleikhem, com seu humor aguçado e narrativas cativantes, destacou-se na representação das complexidades da vida cotidiana nas comunidades judaicas da Europa Oriental. Seu personagem Tevye, o leiteiro, tornou-se um ícone cultural através do musical “Um Violinista no Telhado”. Mendele Mokher Sfarim, por meio de sua sátira e críticas sociais, desafiou as tradições e estruturas sociais da sociedade judaica do século XIX. Seu pseudônimo, “Mendele, o vendedor de livros”, reflete seu olhar satírico sobre a venda de ideias e tradições. Chaim Nachman Bialik, conhecido como o “Poeta Nacional Judeu”, contribuiu significativamente para a revitalização da língua hebraica e do renascimento cultural judaico na Palestina. Seus poemas abordavam temas sionistas e expressavam o anseio pelo retorno à terra de Israel.

Em conjunto, esses escritores ofereceram perspectivas multifacetadas sobre a experiência judaica, explorando temas como tradição versus modernidade, a diáspora judaica, a condição humana e o despertar nacional sionista. Suas obras continuam a ser estudadas e apreciadas não apenas como expressões literárias notáveis, mas também como reflexos vívidos da complexa e rica herança cultural judaica. Juntos, formam uma tríade literária que ilumina as diferentes facetas da vida judaica em um período crucial de transformação.

Segundo Geertz (1989) os significados de uma religião são armazenados em símbolos e a importância destes está em identificar o fato com o “valor no seu nível mais fundamental, de dar um sentido normativo abrangente àquilo que, de outra forma,

⁹ LISPECTOR, 2005, p. 29.



seria apenas real¹⁰". Para o autor, "os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas – e sua visão de mundo¹¹". Geertz ainda afirma: os símbolos são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças [...] e estabelecem poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens¹².

Nota-se que a voz autoral de *No exílio*, revela uma rica representação de práticas judaicas, especialmente relacionadas às tradições observadas durante as noites sagradas:

Á noite, especialmente nas datas santificadas, a ventura era para os seus. Louvava a Deus na observância dos preceitos sagrados, na afeição à família, no uso das melhores roupas, no preparo das melhores iguarias. Por isso, Marim orava com tanto fervor¹³.

Os lábios moviam em sussurro quase imperceptível, e as chamas das velas, bailando, em reflexo, em seus olhos, de tal modo iluminavam-lhe o semblante que o tornava quase diáfano de tanto esplendor. A alusão às "datas santificadas" sugere a celebração de festividades judaicas, momentos em que a comunidade judaica se reúne para cultivar e fortalecer laços espirituais. A observância dos preceitos sagrados, como a observância do Shabat ou de outras festividades, é um elemento-chave, refletindo a adesão às leis e mandamentos da Torá.

O enfoque na afeição à família é congruente com os valores judaicos, onde a família desempenha um papel central na transmissão de tradições e na construção de uma comunidade coesa. O uso das "melhores roupas" e o preparo das "melhores iguarias" destaca a dedicação em trazer dignidade e respeito às práticas religiosas, indicando um cuidado meticuloso em santificar até mesmo os aspectos mundanos da vida cotidiana. A personagem Marim, ao orar com fervor, demonstra uma ligação profunda com a espiritualidade judaica, enquanto os lábios em sussurro e as chamas das velas refletindo em seus olhos sugerem uma experiência intensa de comunhão e reflexão espiritual. A descrição final do semblante de Marim como "quase diáfano de tanto esplendor" evoca uma imagem poética da iluminação espiritual, um conceito

¹⁰ GEERTZ, 1989, p. 144.

¹¹ GEERTZ, 1989, p. 103.

¹² GEERTZ, 1989, p. 105.

¹³ LISPECTOR, 2005, p. 69.



valorizado em muitas tradições judaicas. No geral, a citação ilustra a integração harmoniosa das práticas judaicas na vida cotidiana e destaca a profundidade espiritual experimentada durante esses momentos sagrados à noite.

A Páscoa judaica, conhecida como *Pessach* em hebraico, é uma das festas mais significativas do calendário judaico. Celebrada em memória da libertação do povo judeu da escravidão no Egito, é uma festa cheia de simbolismos e rituais que unem gerações ao longo dos milênios. Em *No exílio* é retratada como um momento de festividade, entretanto, sem júbilo, pois o menear da cabeça e a entonação de voz Pinkhas, o pai de Lizza diziam que “as penas do povo de Israel não havia acabado. O cativo não terminava com a fuga do Egito, não. Os judeus continuavam a fugir por toda a parte, [...] toda a história dos judeus, através dos séculos, vinha tinta de sangue”¹⁴.

Embora não houvesse entusiasmo, Marim, mãe de Lizza, estendeu a toalha branca, dispôs sobre a mesa copos, pires pratos de *matzot*¹⁵ e outro com batatas cozidas e um pouco de raiz amarga: - “não pude arranjar nada que servisse de *Korbanot*¹⁶ em de *kharosset*¹⁷. Só consegui raiz amarga para *maror*¹⁸. Aves, vinhos, nozes... penso que ninguém mais se lembra o que isso vem a ser. Falava com a voz arrastada”¹⁹. O fato de o narrador mencionar que não pôde encontrar algo apropriado para servir de “*Korbanot*” e “*kharosset*” pode sugerir uma dificuldade em seguir as tradições cerimoniais da Páscoa, possivelmente devido a limitações de recursos e as circunstâncias de perseguição que a família estava passando naquele momento. O uso da expressão “penso que ninguém mais se lembra o que isso vem a ser” indica uma desconexão ou esquecimento generalizado em relação a certos rituais, indicando uma possível perda de compreensão ou apreciação das práticas tradicionais associadas à Páscoa.

¹⁴ LISPECTOR, 2005, p. 72.

¹⁵ Hebraico. Pães ázimos que os judeus comem durante os oito dias da Páscoa judaica, em comemoração ao Êxodo do Egito.

¹⁶ Hebraico. Referência ao cordeiro que se sacrificava antigamente na Páscoa, simbolizando, com o decorrer do tempo, por um assado, geralmente uma ave.

¹⁷ Hebraico. Mistura de maçãs e nozes moídas, canela e vinho; sua cor lembra a argamassa com que os judeus, durante o cativo no Egito, preparavam os tijolos para a construção das fortalezas de Pitom e Ramsés.

¹⁸ Hebraico. Ervas amargas ou raiz forte, para rememorar a amargura dos judeus em cativo no Egito.

¹⁹ LISPECTOR, 2005, p. 70.



A observação sobre falar com uma "voz arrastada" pode transmitir uma sensação de nostalgia, cansaço ou talvez uma melancolia relacionada à tentativa de manter tradições significativas, apesar das dificuldades ou da evolução do tempo. Há uma reflexão sobre a complexidade e os desafios de preservar tradições durante a celebração da Páscoa, destacando a importância cultural dessas práticas e a possibilidade de sua perda ao longo do tempo.

Outra observação importante é disposição da toalha, dos copos e dos pires e pratos de *matzot*, os quais criam um ambiente para a celebração do *Pessach*. A toalha branca, muitas vezes estendida sobre a mesa, representa a pureza e a santidade da ocasião. Os copos estão associados a uma parte específica do ritual, com quatro copos que simbolizam as quatro promessas de redenção feitas por Deus aos filhos de Israel.

Os pires e pratos de *matzot* são elementos fundamentais nesse contexto. A *matzot*, ou pão ázimo, sem fermentação, que lembra o pão que os judeus comeram quando deixaram o Egito apressadamente. Os três *matzot*, geralmente dispostos em uma bolsa especial chamada *matzot tash*, têm significados simbólicos distintos, representando a divisão do Cordeiro Pascal e a distribuição do pão durante a escravidão. Durante o Seder, uma *matzá* é quebrada e uma parte dela, conhecida como *afikoman*, é guardada para ser consumida mais tarde, simbolizando a esperança da redenção futura.

Pinkhas responde:

-*Korbanot* há muito tempo, já, deveriam ter sido abolidos. Há milênios os judeus não mais imolam animais em oferendas a Deus. Hoje, homens matam homens, para a alegria do negro satã. E se não há *kharrosset*, também não faz mal. *Maror* por si só lembrará toda a amargura do cativo. Sentemo-nos à mesa. Comecemos a *seder*²⁰. Aproximou-se da mesa[...] sentou-se e começou a folhear o *Hagadá*^{21,22}.

²⁰ Hebraico. A ceia familiar da das primeiras duas noites da Páscoa judaica.

²¹ Ou, seja; narração, em hebraico. Livro escrito no século XIII; devido à sua linguagem simples e comovente, tornou-se muito popular na literatura hebraica. Em forma de antologia, apresenta um esquema da origem do judaísmo, culminando com o Êxodo do Egito.

²² LISPECTOR, 2005, p.69.



A observação de que "há milênios os judeus não mais imolam animais em oferendas a Deus" destaca a longa evolução das práticas religiosas judaicas, indicando que o ritual de sacrificar animais foi abandonado há séculos. Isso pode ser interpretado como uma expressão de que a tradição judaica se adaptou e mudou ao longo do tempo.

A segunda parte do trecho toma uma virada mais sombria ao mencionar a violência entre seres humanos: "Hoje, homens matam homens, para a alegria do negro satã", há uma conexão feita entre a antiga prática de sacrifícios rituais e a violência contemporânea, com a sugestão de que a atual violência entre humanos é vista como algo que vai contra os princípios religiosos e divinos. A referência à "alegria do negro satã" pode ser interpretada como uma expressão poética ou simbólica, possivelmente sugerindo uma visão sombria ou até mesmo cínica sobre a natureza da violência humana, contrastando com a antiga prática de oferendas a Deus.

Ao encorajar a ação, o narrador convida a sentar-se à mesa e começar o "seder", indicando um desejo de iniciar formalmente a celebração. Essa atitude de prosseguir apesar das possíveis imperfeições na observância das tradições sugere a importância do ritual em si, independentemente de pequenas variações ou ausências.

É válido também destacar que durante toda a cena da festividade da páscoa há ensinamentos revelando a profundidade das tradições e da educação dentro da família judaica, onde os objetos cotidianos podem se tornar veículos para a transmissão de valores e histórias que moldam a compreensão do indivíduo sobre sua própria identidade e pertencimento cultural.

Goldberg e Rayner (1989, p. 355) as crianças desde muito cedo aprendem os preceitos religiosos: analisam:

Fundamentalmente, a educação religiosa das crianças é responsabilidade de seus pais, apesar de ter sido considerada um dever apenas do pai em relação a seu filho. Isto porque os rabis do período talmúdico, aparentemente temerosos de que a aptidão literária pudesse expor moças judias à licenciosidade da cultura greco-romana, inclinaram-se a considerar que a educação não era obrigatória para elas. Desde o Século XIX, entretanto, esta tendência foi reconsiderada pelo judaísmo



progressista e, mais recentemente, até certo ponto, também pelo judaísmo ortodoxo²³.

Como se pode notar, houve uma mudança histórica na percepção e execução da educação religiosa, especialmente no que diz respeito às meninas. Antigamente, durante o período talmúdico, a responsabilidade pela educação religiosa era atribuída principalmente ao pai, deixando as filhas em uma posição secundária. A justificativa para isso, segundo os autores, estava relacionada ao receio de que a aptidão literária pudesse expor as moças judias à cultura greco-romana, considerada licenciosa na época.

Pode-se destacar um fenômeno interessante na evolução da prática educacional judaica. A partir do século XIX, o judaísmo progressista começou a reavaliar essa tendência, reconhecendo a importância da educação para as meninas. Mais recentemente, essa reconsideração também se estendeu, em certa medida, ao judaísmo ortodoxo. A análise apresenta um panorama da dinâmica da educação religiosa ao longo do tempo, indicando mudanças nas percepções e práticas. Isso reflete tanto a influência de correntes progressistas quanto a adaptação gradual de algumas perspectivas ortodoxas. A inclusão das meninas na educação religiosa destaca a resposta evolutiva da comunidade judaica às mudanças sociais e culturais ao longo dos séculos.

Desse modo, a protagonista Lizza pergunta: “Papá, por que você se senta em travesseiros?” Pinkhas responde: - “Os reis sentam-se sobre almofadas, e nós somos um povo de reis. Um povo livre. Um dia fomos escravizados pelo Faraó, no Egito, mas nos libertamos. Um judeu não é escravo, e não escraviza a outrem”²⁴. O diálogo destaca uma interação entre uma filha, que questiona o pai sobre sua escolha de se sentar em travesseiros, e o pai, Pinkhas, que responde com uma explicação cheia de significado simbólico. A resposta dele não é apenas uma justificativa prática para sua preferência por travesseiros, mas é carregada de simbolismo e ensinamentos sobre a identidade e a história judaica.

Ao afirmar que “os reis sentam-se sobre almofadas, e nós somos um povo de reis. Um povo livre”, ele associa a ação de se sentar em travesseiros a um símbolo de nobreza e liberdade. Essa conexão destaca a autoestima e a autoimagem positiva que ele deseja transmitir a seu filho e à comunidade judaica em geral. Ao lembrar o filho da história da escravidão e libertação, Pinkhas enfatiza os valores fundamentais da liberdade e dignidade dos judeus, não apenas foram libertados da escravidão, mas também

²³ GOLBERG, D.J. & RAYNER, J. 1989, p. 355.

²⁴ LISPECTOR, 2005, p. 70.



internalizaram o princípio de não escravizar os outros, a importância de valores morais e éticos, ressaltando a responsabilidade de não perpetuar a opressão e de tratar os outros com dignidade e respeito.

Assim, a narrativa mergulha nas ressonâncias emocionais da guerra, capturando a complexidade *No Exílio* da condição humana por meio das memórias de Lizza, a qual revela a angústia e a tristeza causadas por experiências traumáticas, enquanto a protagonista revisita o êxodo e as perseguições vividas. Ao explorar as profundezas da memória, o texto destaca momentos de uma infância marcada por festas e rituais, servindo como uma espécie de refúgio para minimizar o sofrimento provocado pela tragédia que se abateu sobre os judeus.

Assim, a análise proposta, especialmente do romance *No Exílio*, conduz o leitor a uma profunda compreensão da identidade judaica e de suas interseções com elementos religiosos, culturais e históricos de Elisa Lispector. A autora oferece um testemunho valioso da experiência de sua família durante o exílio na Europa, destacando as lutas e desafios enfrentados pela comunidade judaica em busca do direito fundamental de viver. A simplicidade do estilo literário da obra ressalta a essência dessa luta. Por meio da protagonista, é possível percorrer memórias de agonia e aflição, enquanto se explora a complexa teia de tradições e valores que compõem a identidade judaica. A ficção de Elisa Lispector se revela um espaço de reflexão sobre a condição das mulheres na sociedade e, ao mesmo tempo, uma contribuição literária que celebra e preserva a riqueza e distinção da identidade judaica ao longo do tempo.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006.

OZ, Amós, OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GOLBERG, D.J. & RAYNER, J. *Os judeus e o Judaísmo*. Rio de Janeiro: Xenon Ed, 1989.

LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. Editora A noite: 2005.



YERUSHALMI, Y.H. Zakhor. *História Judaica e Memória Judaica*. Rio de Janeiro: Ed.Imago. 1992.

Recebido em: 30/09/2023.

Aprovado em: 14/10/2023.